

Apresentação do dossiê

Música e política, temática ainda pouco visitada por historiadores e cientistas sociais que se debruçam sobre o século XX, laboratório dessa profícua combinação entre tecnologias comunicacionais, ebulição cultural, política de massas e utopias de esquerda.

Nos últimos 100 anos, os meios de comunicação foram responsáveis não só pelo registro de culturas musicais em vias de desaparecimento, tornando a música popular acessível a públicos mais amplos, mas também pela sua formatação e homogeneização. A cultura de massa, lugar onde se situa a música popular urbana, objeto desse dossiê, foi apropriada por políticas hegemônicas ou contra hegemônicas com o propósito de arrebatam corações e mentes.

A História do continente americano no decorrer do século XX é também uma história de sons: polifonia de vozes, de timbres, tensões e repousos. A eterna reconfiguração das identidades nacionais, resposta às renovadas demandas sociais, não pode ser dissociada de movimentos artísticos, revoluções estéticas que sinalizaram para o esgotamento de modelos políticos e questionaram o *status quo*. A canção, pela sua facilidade de difusão e capacidade de mobilização, tornou-se, nesses cenários, o suporte preferido para reivindicações de segmentos da sociedade sem voz e lugar na ordem dominante.

Entretanto, só recentemente, historiadores brasileiros se debruçam sobre a música popular como objeto e fonte de pesquisa. Constitui, a bem da verdade, um campo de estudo em construção no país. Mais raro ainda são os pesquisadores que se interessam especificamente pela música latino-americana. Vale lembrar que nossa familiaridade com o cancionário dos países vizinhos é praticamente nenhuma. Não conhecêsemos sequer os músicos mais famosos do *mainstream* argentino ou chileno. No máximo sabemos de boleros e tangos - gêneros que, aliás, lograram popularidade em todo o ocidente. Dividindo a culpa, a explicação dessa surdez, se deve, em parte, ao domínio do mercado fonográfico pelas *majors*, que ditam as tendências em função dos ganhos projetados.

Exceção a regra, nos anos de 1960 e 1970, impulsionada por uma conjuntura específica, a canção latino-americana conseguiu romper com a lógica do mercado e com a resistência cultural dos brasileiros. Alimentada pelas utopias de esquerda, num primeiro momento, e depois pela oposição às ditaduras militares, a genericamente denominada Nova Canção, constituiu-se num forte elo identitário entre os povos da região. Episódio histórico que, até certo ponto, explica o fato das pesquisas sobre música latino-americana no Brasil concentrarem-se nessa produção, como bem representa a maioria dos artigos aqui reunidos.

O presente dossiê agrega pesquisadores mais experientes que, já há alguns anos, se dedicam às relações entre História e Música ou entre arte e política, e outros não tão experientes, mas já autores de trabalhos instigantes e com publicações importantes.

Os artigos concentram-se, na sua maioria, na década de 1970, período de polarização ideológica motivada pela Guerra Fria, aqui no continente tensionado pelos ventos da Revolução Cubana. Natalia Ayo Schimiedecke, em **Ambições e vocações cruzadas: a cantata popular *Santa María de Iquique* (1970)** e Caio Gomes, em **“Es Sudamérica mi voz”: o projeto de unidade continental no álbum *Cantata Sudamericana* (1972)**, analisam duas obras importantes do *novo cancionero* chileno e argentino, evidenciando os estreitos laços entre concepções estéticas e utopias de esquerda. Debruçando sobre os revezes do momento posterior, quando os golpes militares calam as utopias, restando a voz que vem do exílio e dos coros que formam as frentes de resistência contra as ditaduras do subcontinente, seguem os artigos dos autores Alexandre Fuiza e Geni Duarte em **“La marcha de la bronca” de Miguel Cantilo: velhas e novas canções do desassossego**, e de minha autoria, **Abílio Manoel e a *ola latinoamericana* no Brasil dos anos de 1970**. Apresentando um olhar diverso do cancionero latino-americano, que vê os Estados Unidos exclusivamente como a nação imperialista a ser combatida por *los hermanos*, segue o artigo **O disco *We Shall Overcome* e a propagação de canções pró-direitos civis nos Estados Unidos**. Mariana Arantes, uma das poucas pesquisadoras brasileiras que se dispõe a estudar as relações entre história e música nos Estados Unidos, explora como

distintas tradições culturais reunidas nessa obra constituíram um repertório comum em prol da luta pelos direitos civis, nos anos de 1940 e 1950, na América.

Enfim, convidamos o leitor para enveredar-se conosco por essa produção musical americana e desvelar artistas, obras e histórias ainda pouco conhecidas do público brasileiro. Boa leitura!

Tânia da Costa Garcia
(organizadora do dossiê)